

## O GENERAL ANTÔNIO TIBÚRCIO FERREIRA DE SOUZA (\*).

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

da Sociedade de Estudos Históricos e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Longe de nós qualquer tentativa de traçar o perfil de Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, pois a *Tiburciana*, constituída de mais de 25 autores de alto valor, já cuidou do assunto. Assim, procuraremos, apenas, justificar a escôlha do seu nome para nosso patrono neste Sodalício.

Nasceu Tibúrcio a 11 de agôsto de 1837, conforme consta do Livro de Batizados de Viçosa (Ceará), relativo aos anos de 1837 a 1884, recebendo os Santos Óleos na Igreja de Vila Viçosa Real, na Serra de Ibiapaba, filho legítimo de Francisco Ferreira de Souza e de Dona Margarida Ferreira do Nascimento, talvez sua prima.

Experimentando duras vicissitudes nos seus primeiros anos de vida, muito criança ainda, não podia compreender o fel amargo das privações de um lar empobrecido, sobretudo desamparado com a morte do chefe da família.

Levaram-no para Sobral, de recursos maiores para se obter uma melhor educação. De mistura com os rudimentos das primeiras letras, puzeram-lhe nas mãos uma agulha de aprendiz de alfaiate, profissão em contraste frisante com o ardente temperamento herdado de seus ancestrais — o pai, um dodivanas, inteligente, bondoso e jovial, e o avô, um oficial português, que tinha o gênio arroubado, o espírito inculto, porém brincalhão.

A educação primária de Tibúrcio correu descuidada e eivada de todos os vícios e defeitos inerentes às aulas públicas do sertão, coisa aliás que não era de estranhar na época.

Entendeu, desde criança, que era de seu dever procurar longe daquele meio uma carreira melhor.

Abandonou de vez a aprendizagem de alfaiate e destinou-se à tarimba por impulsiva e natural vocação.

---

(\*) . — Trabalho apresentado na sessão de 4 de maio de 1966, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, justificando a escôlha do patrono.

Orfão de pai, em 1851, verificou praça com 14 anos incompletos, após vencer cincoenta léguas bem puxadas, distância que separava Sobral de Fortaleza.

Com essa idade, achou-se só, em meio estranho, porque não dizer hostil. Faltavam-lhe os carinhos da mãe querida que lhe votava todos os seus cuidados e dêle fazia objeto constante de seus pensamentos. Começou a aprender com a experiência do próprio sacrifício.

Na nova vida encetada, cheia de imprevistos, sobretudo sujeito ao rigor dos tempos, não tinha quem pudesse guiar-lhe os passos, e daí o seu grande empêno em portar-se bem, para poder vencer. Só os espíritos fortes como o de Tibúrcio, conseguem essa vontade.

O jovem adolescente jamais sentiu fraquejar-lhe o ânimo. Não sem pequenos desgostos, pôde suportar os entraves que se antepunham, mantendo em admirável equilíbrio nos costumes e na economia e, como bom filho que era, do que lhe sobrava, não esquecia a desolada mãe que lhe ficara em Sobral, velando em suas orações pelo destino do filho que a deixara esperançoso de algum dia ser um grande homem e lhe poder melhor ser útil.

E' bem verdade que em Fortaleza, naquela época, não tinha motivos para deter na rua o cidadão "foras-de-horas" havendo até restrições para o direito de locomoção.

"A êsse tempo, a polícia não permitia que, na cidade, depois das 9 horas continuasse o trânsito público. Com o toque de recolher, no quartel do Corpo Fixo, e às notas compassadas da corneta, ouvidas distintamente nos pontos mais afastados da pequena cidade, estugavam os passos os retardatários, em busca de suas habitações".

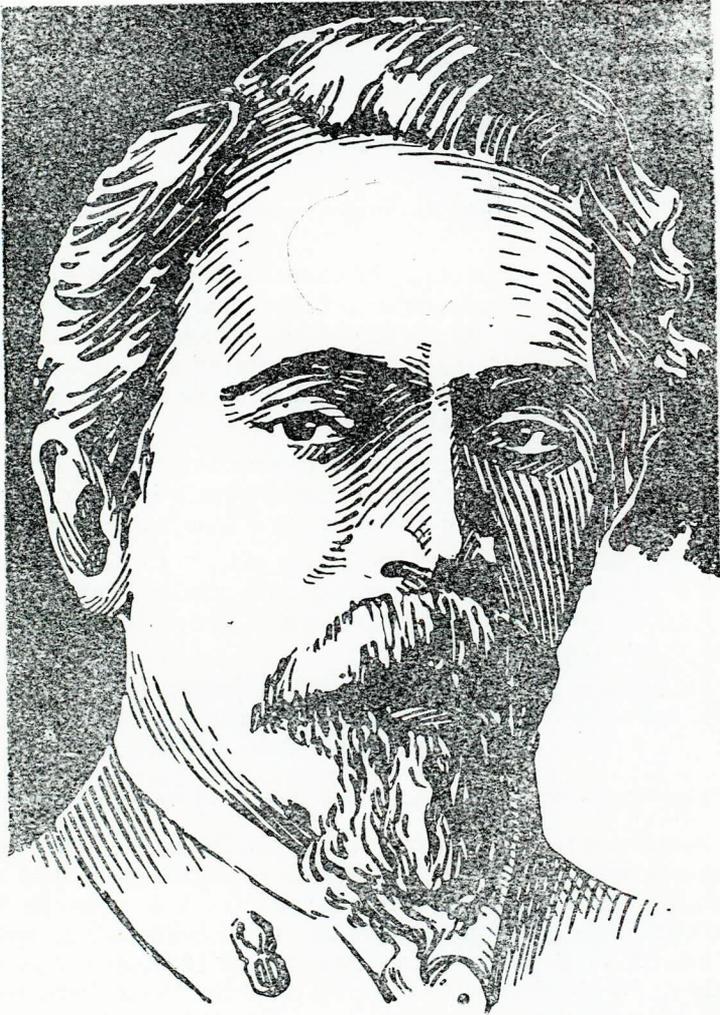
E toca para casa para rezar o têrço.

O têrço em família, o têrço no quartel, que para o recruta era um verdadeiro martírio, e que invariavelmente terminava com a Oração do Soldado que Tibúrcio, anos depois, ouviu repetir na Campanha do Paraguaí.

Oh! Virgem da Conceição  
Maria Imaculada,  
Vós sois advogada  
Dos pecadores  
E a todos encheis de graças  
Com vossa feliz grandeza  
Vós sois dos céus princeza  
E do Espírito Santo Espôsa... (1).

---

(1). — Souza (Euzébio), in *Tibúrcio o grande soldado e pensador*, pág. 22.



Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, quando ainda coronel. Foto tirada em Londres, e que inspirou o artista que preparou o desenho para o pedido do selo postal comemorativo brasileiro

Muitas vèzes, nas cerimônias que requerem, pela sua magnitude, a maior reverência, o mais profundo respeito, aparece uma veia humorística, uma frase inoportuna. Foi o que succedeu com o Hino da Virgem, cantado nos quartéis e na guerra, até os últimos dias da Monarquia. Os soldados, em tom chocarreiro, arremedavam aquêles versículos com a seguinte quadrinha:

Oh! Virgem da Conceição  
Maria Imaculada  
Pague meu sôlido direito  
E deixe de caçoada (2).

Pouco tempo demorou-se Tibúrcio na capital do Ceará, prestando os seus serviços na Tropa de Linha, cujo batalhão o recebera com o natural indiferentismo votado aos homens do sertão, pouca importância dando pela sua condição de simples recruta, ao humilde filho de Viçosa que mais tarde teria que se impor entre os seus superiores e comandados.

Um ano depois de ingressar no Exército, mandaram-no para a Côrte, para o “Depósito de Recrutadas”, sendo então incorporado ao 1º Batalhão de Artilharia a Pé que guarnecia a fortaleza de Santa Cruz.

Tibúrcio, indiferente aos prazeres da vida, nos ócios dos árduos serviços da caserna, no pouco tempo que lhe sobrava, embora o meio não lhe fôsse propício, buscava nos livros as fontes onde se abeberasse sua mente sequiosa de saber.

Uma cousa sòmente constituia o seu justificado orgulho. Era aquela farda de blusa azul ferrete e calças brancas, de vivos vermelhos, gola amarela e barretina com as iniciais de província, uniforme do tempo do corpo fixo a que fôra incorporado, quando sentara praça no seu torrão natal.

Não foram poucas as urzes sofridas por êle, frutos de seu “gênio impetuoso, às vèzes violento”, levando-o a cometer, já com as divisas de 2º sargento, faltas de natureza grave. A 3 de junho de 1853 foi rebaixado de pòsto por insubordinação praticada contra seu comandante de Companhia. A 5 de dezembro de 1854, achando-se destacado na Fortaleza de Santa Cruz, foi prêso por se ter portado insubordinadamente para com o 2º Tenente João Roberto da Cunha Barcelar. Isso valeu-lhe 4 meses de prisão.

Ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha, sua granda ambição, que o transforma de insubordinado e estudante medíocre, em verdadeiro sacerdote da cultura; apodera-se dêle uma febre intensa de

---

(2). — *Idem*, pág. 23.

saber que parece querer devorá-lo inteiro. Tôda a sua preocupação é estudar. Em companhia dos livros sentia-se bem.

Contudo seu temperamento em nada foi modificado. No ano de 1861, sem que tivesse tomado parte, mas solidário com os colegas que haviam desacatado um lente da Escola Central, é com os outros destacado para Mato-Grosso.

Ësse incidente, causou-lhe sério desgosto, levando-o a tomar uma atitude em harmonia com o seu altivo caráter: ao chegar ao seu destino, requereu demissão do serviço no Exército Imperial.

O pedido, porém, não chegou a ser encaminhado ao Poder Supremo, que era o Imperador, porque recebera sempre no seu trânsito pelos escalões superiores, as mais elogiosas informações em que se alvitrava uma nova matrícula na Escola, por se tratar de oficial muito moço, uma verdadeira esperança do Exército pelas qualidades que já revelara.

Voltou à Escola Central, antiga e tradicional Escola do Trem, concluindo o curso de artilharia em 1863.

Era Tibúrcio 1º Tenente quando foi declarada a Guerra no Prata. Divulgada a notícia, nenhum outro sentimento atuou no seu espírito, senão o desagravo completo da afronta feita à sua pátria. Nem o amor de três filhos e da espôsa, puderam desviá-lo da tenção firme que tinha formado de seguir para os campos do Sul.

Lobo Viana conta dêle o seguinte episódio: Uma tarde estava êle com alguns colegas no pátio da Escola Militar estendidos sôbre a relva, quando se aproximou um camarada retardatário e disse-lhes com ar de tristeza:

— Sabem? Está declarada a guerra no Prata!

Tibúrcio ergueu-se de um pulo.

— Bravo! ou morro, ou volto coronel...

Efetivamente, isso aconteceu. Para a guerra partiu como 1º Tenente e dela voltou com as dragonas de coronel em comissão, conforme a preciência que tivera ao receber a notícia da declaração de guerra.

Nada melhor para retratar sua personalidade vivaz e culta, presença de espírito e inteligência que seus diálogos respostas e sua correspondência, senão vejamos:

Um dia Tibúrcio tresnoitado, permanecia ainda no improvisado leito de campanha, dormindo, quando já alta madrugada, ecoou, na retaguarda, o toque de corneta: sinal de — 1ª Divisão sentido — era o Argolo (Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Visconde de Ita-

parica) “o chefe divisionário” cuja falange prevenida, disposta à luta: espreitava qualquer surpresa do inimigo.

Tibúrcio, ergue-se de pronto, e lesto como sempre era nas suas atitudes, começa a calçar-se sem mais delongas para receber o comandante da Divisão. Era tarde, o General surge à sua frente. Ambos se conheciam e se entendiam muito bem.

Argolo, “afetando seriedade” falou:

— Comandante, por quê não dorme de botas?

Tibúrcio, sem pestanejar, tendo sempre uma resposta adequada, pois pertencia ao número daqueles que não dão a ninguém o direito da última palavra, perfilando-se como disciplinado subalterno, retorquiu:

— Porque, enquanto as calçar terei tempo de pensar no que fazer.

Argolo esboçou leve sorriso e retirou-se (3).

De Tibúrcio há um episódio de viva emoção, que dá mostra de quanto era cioso do dever e honra militares.

Travava-se um dia uma batalha em que a sorte da campanha fatalmente ficaria em jôgo, talvez contribuindo para a vitória decisiva da peleja que tanto já pesava nos destinos do Império.

O General em Chefe, consciente do valor de Tibúrcio dá-lhe ordem terminante para

“apoderar-se de determinada posição e guarda-la até o momento de uma evolução decisiva”.

Acontece que o inimigo, “que não dormia”, sagaz, e apercebido da estratégica ordem, opunha resistência bravia, dizimava as fileiras nacionais fazendo ecoar o terror no ânimo de seus bravos. Evidenciava-se o pânico entre os combatentes.

Quando a luta estava mais acesa e qualquer esmorecimento acarretaria, de certo o fracasso para a coluna de Tibúrcio, eis que um oficial superior abandona as fileiras e procura lugar seguro onde estivesse a salvo da saraivada de balas.

Tibúrcio, que notara a fraqueza de seu colega e comandado, investe contra êle de pistola em punho, alvejando-lhe com certo tiro que o prostou morto, instantaneamente. E, voltando-se para o batalhão. Em voz firme e segura, gritou:

— Avança!

---

(3). — Rêgo (Joaquim Marcos de Almeida), médico, nasceu e morreu no Rio (1814-1880). Foi presidente da Província do Ceará e delegado de Ensino no Rio de Janeiro, grande amigo e admirador de Tibúrcio, com quem mantinha constante correspondência.

E, tôda a falange dos bravos do 16, numa só arremetida, enfrenta, corajosamente o inimigo, dizimando-o por completo.

A situação estava salva e teria perigado se não fôsse a atitude do heróico Chefe.

Horas depois, interpelado sôbre êsse “crime da profissão”, Tibúrcio respondeu —:

— Foi verdade, mas, sem isso a operação estaria perdida, e com ela muitas vidas, e a honra nacional; tudo foi a dura lei da guerra, a necessidade de vencer...

Em 21 de setembro de 1870, escrevendo a João Brígido, Tibúrcio externando-se sôbre os fatos da política internacional, tem a previsão do cataclisma que se desencadeou, na Europa, quarenta e oito anos depois das suas judiciosas considerações:

... A propósito da guerra da Europa, estamos de perfeito acôrdo quanto ao modo de encará-la. Eu desejava e desejo a queda do fugitivo de “Lion”, mas nunca o aniquilamento da França, que prezo por tôdas as razões que você reproduziu tão bem e ainda mais por ser ela a privilegiada proclamadora dos direitos do homem e a autôra da maior revolução (e a mais sábia) político-social que o mundo tem visto.

Lastimo que o povo livre e inteligente por excelência se deixasse mistificar. Lastimo a ângustia suprema de Bazaine, fechado num círculo de ferro a batalhar dia e noite.

A França, apesar dos Canroberts e dos Mac-Mahons, estava sem generais.

Thiers, o legitimista e agora republicano, acaba de dizer na Câmara: O Império está fora de questão e a República é a herdeira.

— Quanta ameaça vai nessas duas orações; Napoleão já é um acessório da França e da Guerra. Um triunvirato de espadas sustenta o orgulho da morna Babilônia.

.....  
A França é culpada, porque canonizou a deslealdade de mil oitocentos e cinquenta e um. Ai estão os fatos produzidos pelas unidades monárquicas. A raça de noventa e dois adormeceu fascinada pelos hinos de vitórias cantados na Criméia e na Itália; e acorda agora amarrada ao cadáver de um despota que a faz imergir num lago de sangue! acima porém das maquinações infernais dos reis estão o destino da humanidade e a tendência civilizadora dos povos.

Frederico Guilherme há de cair por sua vez: Se conseguir vencer a França o seu império tornar-se-á verdadeira massa pesada sôbre as Nações do Velho Mundo, e as mesmas que desejam hoje o triunfo da raça saxônica, terão de juntas, fazer-lhe a guerra. Exatamente como Tibúrcio previra aconteceu em 1914.

A ironia, fazia parte da sua personalidade, escrevendo ao Marechal Mallet, em 31-1-1880, diz:

— “Ia-me esquecendo: Tú me escreves pedindo o lugar de preparador para o Soledade; o Rêgo faz-me um telegrama dizendo-me que, proponha o Soledade, para o lugar de professor de francês e lá foi. Resta saber uma coisa: êsse senhor Primo Soledade está no caso de ensinar, ou de aprender francês? (3).

“E’ verdade, que quem ensina aprende, e à vista disto o senhor Soledade está salvo, caso seja nomeado professor. Há muita coisa engraçada nêsse nosso planeta”.

As suas cartas são um repositório, autêntico espêlho de sua face: Aquí o temos novamente escrevendo a João Brígido:

Quanto ao generalato não publique nada a meu respeito, porque o Imperador de masça com os que querem impôr-se.

O melhor é ter paciência; isso é coisa que há de vir com o tempo. O Paranaguá (4) e antes dêle o Osório (5) deixaram escapar excelentes ocasiões. Somos muitos a pretender a mesma coisa e é impossível que fiquemos todos satisfeitos numa igual fornada.

.....  
No fim de contas é preciso suportar de boa mente o que se não pode evitar.

Sôbre a morte de Caxias que reconhecia ter sido um grande homem, embora seu adversário político, pois Caxias era conservador e Tibúrcio um liberal que se batia intransigentemente pela abolição.

Em 2 de julho de 1880, grafou:

“Lá se foi o Caxias.

Serviu setenta anos à monarquia e só conseguiu ilustrar-se à sombra do trôno. Compreendeu perfeitamente o princípio da ordem e nunca logrou transformar-se em fator de progresso.

Foi um grande homem, mas só tinha uma aptidão — cego respeito pela ordem estabelecida.

Não soube morrer a tempo.

Tibúrcio, só ia ao Paço, quando era chamado, e conversando com o nosso Imperador, sempre usava de franqueza, como retrata esta carta de 23-8-1883.

“O velho Pedro II, em tete a tete intimo, interpeleu-me livremente sôbre as questões da Libertadora Cearense. Disse-lhe, com a franqueza que me foi concedida, as mais crúas verdades. Cheguei a aventurar suspeitas de um senador intrigante mexeriqueiro, mas êle não chegou ao Rego. Terminou o negócio por estas palavras, que são muito reservadas. “Desejaria ver liberto o último escravo de nossa terra, mas como nisso vai de envolta um interêsse, que

---

(4). — Paranaguá (João Lustosa da Cunha), Marquês de Paranaguá, Ministro da Guerra.

(5). — Osório (Manual Luís), Marquês de Herval, Ministro da Guerra na época em que foi escrita a carta referida.

não discutirei si é confessável ou não, convinha que os generais de mar e terra, altos magistrados, etc., etc., não se pusessem à testa de um movimento que afinal de contas é fatal”.

Depois disso falou-me largamente sôbre diversas coisas do Ceará, do Pará e sobretudo da Guiana Francêsa.

Em seguida, fui despedido com o mesmo amor e com as mesmas diferenças que sempre me tem dispensado tão elevado personalidade.

Ainda bem”. ass. A. Tibúrcio.

Tibúrcio faleceu a 28 de março de 1885, com 48 anos incompletos.

Eusébio de Sousa, em sua obra *Tibúrcio, o grande soldado e pensador*, a descreve assim:

“No momento fatal, a seu pedido foi transportado no próprio leito, da alcova onde se encontrava para a sala de jantar. Pediu à familia que o levantasse. Queria despedir-se de pé. Dois amigos o seguraram. Falou então:

— Venham todos abraçar-se. E para cada pessoa — a espôsa, os filhos, genro (General Antônio Ernesto Gomes Carneiro, heroi da Lapa, na época Capitão) e amigos presentes, tinha uma palavra de consolação, de encorajamento. E abraçou um por um.

— Não falta mais alguém? — indagou — e relanceando o olhar, deparou a um canto da casa com seu humilde e fiel bagageiro de muitos anos. Acenou-lhe:

— Vem, Mendes, receber também o meu abraço. E aconchegando o velho soldado, disse ressoluto:

— Porta-te sempre como homem de bem, que serás feliz...

— Agora quero descançar. Deitem-me — e pegando a mão de seu médico assistente, dr. João da Rocha Moreira, falcu pela última vez:

— Adeus, doutor...

Nem uma lágrima, nem uma queixa!

Espírito inteiramente descativado de piedade materna, cuja base tinha sido a fé, não morreu na religião de seus pais, mas na ciência dos contemporâneos, exigindo somente sete palmos de terra, e dispensando tôda prece.

Há outra versão, de Lima Figueiredo in *Tibúrcio a bravura em pessoa*, citando Pedro Calmon:

“À hora de morrer, Tibúrcio soergueu-se no leito, aspirou com fôrça o ar salitroso e quente da sua terra, e abrindo os braços num largo gesto de renúncia, ordenou aos parentes:

— Abram as portas. Deixem entrar os curiosos e os indiferentes. Que venham ver a morte do general Tibúrcio”.

Fechava os olhos no momento em que a sua estrêla fulgia. Quando o militar se fazia estadista. Tibúrcio da abolição, filósofo sarcasta; na máscara de bronze do coronel do Chaco um traço saliente de revolucionário, a acentuar-se”.

Na revolução de 1892, do almirante Custódio José de Mello, foi derrubada a estátua de Tibúrcio por um balaço, por ocasião do bombardeio de Fortaleza, na noite de 16 para 17 de fevereiro de 1892.

Isto deu motivos ao povo para comentar;

— O bravo soldado do Paraguai, ainda mesmo concretizado no bronze se mostrava herói, pois cai do seu pedestal, porem de pé, como que recomendando aos cadetes que tivessem calma.

\* \* \*

Poderíamos iniciar aqui uma série enorme de citações, ordens do dia, promoções e medalhas; entretanto, não querendo nos alongar em demasia, nos limitaremos a dar apenas as suas promoções a 2ª Tenente em 1857 e a Brigadeiro em 27 de junho de 1880. Tomou parte nos seguintes: *Combates*: — Estabelecimento, Tuiuti (6), Lomas Valentinas, Peribebuí, foram os principais feitos em que tomou parte, dando em todos êles provas de sangue frio, denodo, recebendo elogios de seus superiores e respeito de seus subordinados.

Pelos seus feitos recebeu as seguintes *Medalhas*: — do Prata, de Corrientes, pelo Congresso Argentini, 1865 Riachuelo — Cavaleiro e Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavaleiro, Oficial e Comendador da Ordem da Rosa. Mérito Militar, Dignatário da Ordem da Rosa, de Prata da Campanha do Uruguai, Geral da Campanha da Guerra do Paraguai, etc.

O atual Gôvêrno, deu em 1964 ao 3º Batalhão de Caçadores, com sede em Vitória, no Espírito Santo, o nome de *Batalhão Tibúrcio*, em sua homenagem (7).

A referida Unidade do Exército Nacional, foi anteriormente o 50º Batalhão de Caçadores, que fôra formado com os elementos do antigo 16º Batalhão de Infantaria, do qual foi comandante e fêz-se herói na Guerra do Paraguai, na Linha Negra, o nosso patrono neste Sodalício, General Brigadeiro *Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza*.

\* \* \*

---

(6). — Artigo de Angelo A. A. Zioni e Fábio Bergamini Carlucci, da Comissão Estadual de Filatelia, in *Filatelia*, Diário Popular de 8-3-1966: “Setores filatélicos...”

(7). — Boletim do Exército nº 41 de 9 de outubro de 1964, pág. 35.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

*Livros*

- Cerqueira* (General Dionísio), *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, Rio de Janeiro, 1929.
- Guimarães* (Marechal Carlos Eugênio de Andrada) *Arthur Oscar, soldado do Império e da República*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1965.
- Souza* (Capitão Antônio Tibúrcio de Almeida e), *Extrato da Fé de Offício do General Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza*. Imprensa do Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1937.
- Souza* (Eusébio de), *Tibúrcio o grande soldado e pensador*. Biblioteca Militar, vol. XII, coleção A, segunda Edição refundida, Rio de Janeiro, 1938.
- Taunay* (Alfredo D'Escragnoille) (isconde de Taunay), *A retirada da Laguna — Episódio da Guerra do Paraguai*. 13a. edição, Edições Melhoramentos. São Paulo, 1952.
- Viana* (Lôbo), *General Tibúrcio de Souza — Narrativa Histórica*. Ceará, 1897.

*Jornais*

- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11-8-1937 — *O Centenário do General Tibúrcio*, pág. 1.
- Figueiredo* (General Lima), *Tibúrcio, a bravura em pessoa* in "A Noite Ilustrada" de 18-3-1936, Rio de Janeiro, pág. 4.

*Cartas*

Museu Imperial de Petrópolis — Arquivo d.7711-m157.

\*

\*      \*

APÊNDICE

3º BATALHÃO DE CAÇADORES.

BATALHÃO TIBÚRCIO.

*Estandarte para o Batalhão Tibúrcio.*  
(Aprovação).

Portaria n. 983, de 21 de maio de 1964:

O Exmo. Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Guerra resolve:

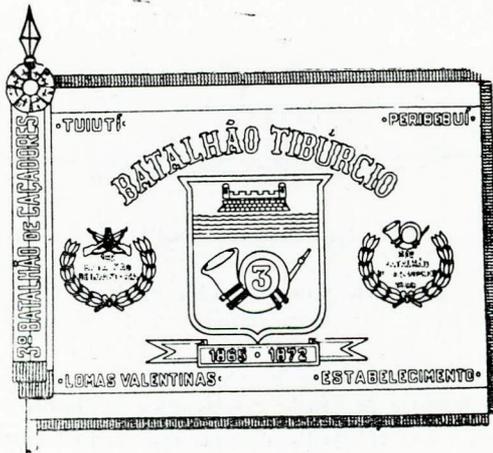
De acôrdo com o art. 115 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 30163, de 13 de novembro de 1951, aprovar o Estandarte-Distintivo para o Batalhão Tibúrcio, conforme modelo que a esta acompanha e com as seguintes características:

Campo de sinople (verde), com duas faixas de amarelo, uma em cima e outra em baixo, simbolizando a um tempo as côres nacionais, desde o Império e verde também a cor simbólica da Arma de Infantaria, tendo ao centro um escudo inglês, constituído de um chefe, de amarelo, ostentando a sinueta de uma fortaleza com suas guaritas e suas ameias, de prata, tendo ainda no, mesmo campo, na sua base, um rio, também de prata, significando as ações heróicas do Dezesseis Batalhão, no assalto aos fortes de Estabelecimentos e Laureles, no rio Paraguai; no campo sinople (verde), em abismo, o símbolo de Batalhão de Caçadores, centralizado pelo número "3", tudo de prata. Uma orla de goles (vermelho), arre-mata a escudo que tem ao alto, em arco, o dístico: *Batalhão Tibúrcio*. A dextra (direita) e a sin'istra (esquerda), respectivamente (no campo verde), uma corôa de louros, de ouro, circunscrevendo os seguintes dizeres: 16º *Batalhão de Infantaria* — 1865, disposto em quatro linhas, encimadas pelo distintivo da Arma da Infantaria, de prata; na outra corôa, na mesma disposição, os dizeres: 50º *Batalhão de Caçadores* — 1908, tendo ao alto o distintivo de Batalhão de Caçadores, de prata. Acantonados em chefe, as palavras: *Tuiti-Peribeubú* e em contra chefes: *Lomas Valentinas-Estabelecimento*, que marcam as ações do glorioso 16º, sôbre um listel, de prata, na base do escudo, que goles (vermelho), as *datas* 1865-1872, evidenciando o período daquela Campanha, e o tempo de ocupação.

A orla vermelha do escudo, simboliza o sangue derramado na campanha da Tríplíce Aliança, na qual teve o 16º BI destacada atuação.

Laço Militar com as côres nacionais, com as seguintes inscrição: 3º *Batalhão de Caçadores*, em letras de ouro. Uma franja de ouro, contorna o estandarte (*Diário Oficial* de 27 de maio de 1964).

\*



Braçadeira dos soldados do Batalhão Tibúrcio  
(Vitória - ES)

3º BATALHÃO DE CAÇADORES.

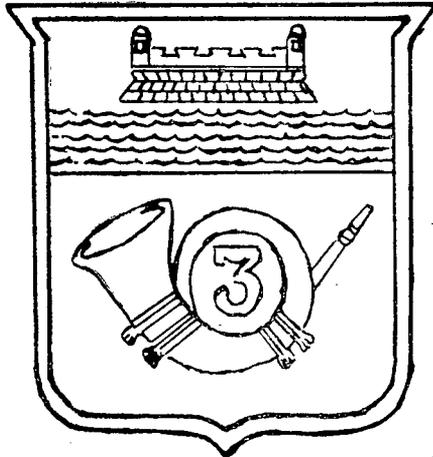
BATALHÃO TIBÚRCIO.

Portaria n. 984, de 21 de maio de 1964:

O Exmo. Sr., Ministro de Estado dos Negócios da Guerra resolve:

De acôrdo com o art. 115 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 30163, de 13 de novembro de 1951, aprovar distintivo de braço para o Batalhão Tibúrcio, conforme modelo que a esta acompanha e com a seguinte descrição:

Escudo inglês, orlado de goles (vermelho), simbolizando o sangue derramado na Campanha da Trílice Aliança, constituído de um Chefe amarelo, ostentando a silhueta de uma fortaleza com suas guaritas e ameias de prata, tendo, ainda, no mesmo campo, na sua base, um rio, também de prata significande as ações heróicas do Dezesseis Batalhão no assalto aos fortes de Estabelecimento e Laureles, no rio Paraguai; no campo sinople (verde), em abismo o símbolo de Batalhão de Caçadores, centralizado pelo número "3", tudo de prata (*Diário Oficial* de 27 de maio de 1964).



Bandeira oficial do Batalhão Tibúrcio, que tem sede na cidade de Vitória (ES)